

## BodyTalk e a natureza

out23

pesquisa em finalização, Mosaico  
Nirvana Marinho

Sinto que essa pesquisa foi uma jornada peregrina de reflexões: teóricas, epistemológicas - de qual tipo de organicidade esses pensamentos se fazem, quais autores conversam com a gente, quais questões se aplicam, quais perguntas podemos fazer - e, sobretudo, de reflexões que possam ampliar nossa perspectiva sobre o Sistema BodyTalk. Nasceu de uma inquietude. Lançou com uma pergunta bem específica: como o item Outras Modalidades no Protocolo de Atendimento do BodyTalk nos indica a natureza do mesmo. E essa natureza é eminentemente interdisciplinar. Depois adensamos, num encontro pessoal (subjetivo mesmo, eu diria) entre o Sistema BodyTalk e o Método Cardinal (pois o segundo nasceu também do contato profundo com o primeiro, por Paola Ranova) e também com um interesse (talvez até profético, já que tem tempos atuais de 2023 a ciência ganhou um adjetivo controverso - haveria pseudociência sobre as quais parece haver uma tentativa de “cruzadas”) de compreender de qual pesquisa falamos quando trabalhamos com energia no centro de uma terapia integrativa sistêmica; de qual complexidade estamos falando. E então, como um hiato de possibilidades, essa pesquisa encontra um ponto de finitude neste terceiro e último artigo.

Isso se deu porque, frente a tantos estudos, a prática clínica, as questões sócio-culturais implicadas nessas tais terapias, faz-se necessário saber da nossa natureza, do nosso lugar e do nosso sabor. O que de fato “entregamos”? Como o BodyTalk pode nos ajudar a compreender nossa natureza como um espaço (sagrado) de cura energética através da compreensão da consciência e de como sua complexidade é uma dinâmica relacional. Como isso pode ser uma perspectiva epistemológica que, em um largo e longo espaço de tempo, pesquisa e contribuições dos profissionais, terapeutas interessados na *práxis*, podemos sim ter uma formulação que responde à altura a elegância de tal prática. E é assim que o BodyTalk faz 20 anos no Brasil. Neste mês em que escreve este último artigo, a Associação Brasileira de BodyTalk publica seu site, faz uma nova eleição de mesa diretora. Desde a passagem do Dr. John Veltheim, em novembro 2022, a Associação Internacional de BodyTalk coloca mais força em algumas práticas, menos em outras, alguns instrutores antigos segue novos rumos, outros continuam colocando muito amor na prática do sistema e, mais, a IBA convida novas práticas para palestram, sob um ponto de vista de uma bodytalker, outras linguagens de terapia. Uma expansão, creio ainda tímida, se desenha. Para onde estamos indo?

É com este contexto que, embora tenhamos vivenciado um percurso de atendimento, produção de conhecimento, leituras e adensamentos, trocas e diálogos - aqui destaco com as colegas Amanda Pinho e Maria Fontes, na Revista Escuta, nova configuração neste ano de 2023 - ainda muito a pesquisar. Diante desse “muito”, opta-se aqui por literalmente elencar quais pontos sobre os quais podemos nos apoiar para, então, avançar com bases sólidas.

## **Sistema e complexidade**

Dr John Veltheim nos contou com emoção na Revista Escuta edição 1, em entrevista à Verena Kacinskis, como a Teoria dos Sistemas Dinâmicos inspira o BodyTalk. Estudar suas raízes, queira você Fritoj Capra ou outros mais clássicos, é uma responsabilidade epistêmica de um terapeuta integrativo, sistêmico. Teóricos e pensadores tem a décadas nos ajudado a compreender uma mudança de paradigma do corpomente. Como observar aquilo que está em movimento, que muda enquanto é observado, compreender a natureza de complexidade sem dados *a priori* é um instrumento intelectual e vivencial fundamental para uma nova perspectiva. Olhar para o corpo mente com o BodyTalk exige do terapeuta, e pouco a pouco do próprio paciente, um jeito de ver que não é sobre as partes, mas é sobre o todo nas partes, sobre o movimento, sobre a dinâmica relacional. Saber conceitualmente sobre sistema é tão fundamental quanto vivenciá-lo. Parece mesmo uma responsabilidade pois só assim parece possível ver de frente nossos limites de crença, os dos pacientes e atuar no movimento, e não nas certezas estanques tão exigidas por uma entendimento tradicional de ciência. Epistêmica pois mesmo um campo de saberes se abre e amplia. Tudo que parece reduzir, achatam, resumir ou prever reduz a potência criativa dessa natureza sistêmica do BodyTalk. E complexidade torna-se um modo de bem estar, cura, expansão inclusive espiritual.

## **Linguagem e interpretação**

Não somente o BodyTalk, mas outras práticas integrativas exigem uma nova perspectiva da linguagem. O ato de interpretar torna-se mais sobre a sabedoria e o silêncio, sobre os espaços e interstícios de compreensão do que sobre uma linha direta e conclusiva do sentido que a narrativa se faz. Não é sobre não dizer nada, nem dizer algo vazio ou genérico. É um outro nível de responsabilidade. Como dizer o que se observa em movimento sabendo que a medida que se diz tudo muda ou algo muda. Mas a mudança passa a ser uma linguagem, de cura inclusive. Novos autores e uma atenção aguçada na fala e nas diversas formas de linguagem já compõe o *setting* terapêutico. Um comprometimento no outro exige que revisemos nosso próprio lugar. Uma alteridades mais poética, compreensiva compõe um estado de interpretar, e menos sobre interpretar para entender. O entendimento vem da vivência da complexidade. A linguagem se amplia - para o que ela sempre foi, um estado de expressão no qual o signo tem todos seus potenciais possíveis no mesmo dizer - e para o BodyTalk isso significa seguir o protocolo e intuir quais novos caminhos são iminentes.

## **Inter e transdisciplinar**

Não conclusivo, mas o próprio estado disciplinar é revisitado no BodyTalk. As técnicas não são uma reunião de contenções ou definições, não são sequer diagnósticos. Disciplinar nem seria. O corpo desobedece para se reinventar. Novos filósofos, além da Advaita Vedanta inspiração do

Sistema BodyTalk, ganha um caminho potente da técnica, como o *BreakThrough* demonstra. O corpo faz mais o **inter** e o **trans** do que o disciplinar. A impermanência torna-se a alegria da vida. Toda estrutura física, mental e emocional ganha força na capacidade do corpo mente se adaptar, mudar sua própria dor. Um corpo mente bodytalker fica mais saudável porque conhece sua natureza inter e trans com tudo que há: sua história, sua matéria, sua potência.

## **Outras modalidades**

Dessa maneira, que mais parece uma improvisação do que uma coreografia, essa pesquisa puramente empírica traz uma reflexão sobre a natureza do BodyTalk em seu último item disponível: Outras Modalidades, ou diria mesmo na direção do PaRama, que merece outra pesquisa, muito mais alongada. O BodyTalk não cabe num site, não cabe em um série de projetos (dos quais muitos realizei: Revista Escuta, Jornada BodyTalk, podcast Telefone com Fio, Cartografia BodyTalk Brasil, Entrevistas bodyTalkers falando de BodyTalk), não cabe em uma sessão que você experiencia. A natureza do BodyTalk é complexa embora elegantemente simples. É sobre uma sessão mas sobre perguntar “mais adiante”. É sobre o corpo físico e também sobre a mente, as emoções, a energia e sua espiritualidade. É sobre uma coisa que contém o todo e uma visão do todo sistêmico sendo visto sempre mais um passo. A alma se expande de maneira única.

Com Outras Modalidades, Dr John nos mostra uma coisa muito singular, que talvez tenha sido o que ele sentiu quando uma outra técnica distinta das que ele dominava o curou: o corpo sempre tem outros jeitos de falar dele mesmo. Mostra que “mais adiante” significa perguntar ao corpo o que mais pode o corpo, o que mais fala o corpo, onde mais o corpo pode estar em paz consigo, embora tudo que uma sessão revela.

Com esse item que explode o protocolo para fora dele mesmo, o BodyTalk, e o Dr John mais precisamente, nos conta como um sistema de saúde baseado em consciência pode ser maior que o conceito de saúde e alcançar algo mais intangível como a consciência e que isso é a natureza do bem estar: amplitude e simplicidade. Uma certa elegância tão peculiar (já que já repeti essa qualidade três vezes).

## **Mais BodyTalk**

Concluir um caminho de perguntas não precisa ser sobre respostas, nem tão pouco a proposta seria testar uma hipótese. Aqui a qualidade de pesquisa tem sido qualificar uma jornada, tornar mais consciente algumas questões e, com isso, partilhar. Realizar a Pesquisa Mosaico, nome inspirado por Danielle Pires, foi uma tentativa de partilhar, do início ao fim, meu fascínio pelo BodyTalk, o quão rico ele é e quão poderoso pode ser para a saúde integral.

Paralelamente à pesquisa, me certifiquei terapeuta avançada; estou prestes a me certificar para atender BodyTalk para Animais; busquei novos cursos, inclusive em “Outras Modalidades” tais como o Método Cardinal (como dito, criado por uma bodytalker) e recentemente, a Astrologia, e entendo porque o Dr John inclui aspectos da mesma no protocolo do BodyTalk - com os planetas, por exemplo, numa visão muito convergente e criativa.

Mais BodyTalk significa compreender um método que te leva a estudar sempre, ter um espírito de terapeuta investigador, um pesquisador nato da alma humana mas, sobretudo, uma postura diante da natureza: com certa inocência, com muita ousadia e coragem para intuir e com a base sobre a qual o movimento é o que cura.

Obrigada, Dr. John, por tanto. Aqui é meu presente para nossos 20 anos de BodyTalk no Brasil para você.

Nirvana Marinho  
novembro 2023